

CONHECIMENTO DE JOVENS INGRESSANTES NOS CURSOS DE SAÚDE A RESPEITO DAS (DSTs) DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NUMA UNIVERSIDADE DA ZONA OESTE DE SÃO PAULO.

Raquel de Souza Santos¹, Thais de Souza Lima², Cassia Regina da Silva Neves Custódio

Estudante do Curso de Biomedicina; e-mail: souza_raquelraiox@yahoo.com.br¹.

Professor da Universidade Mogi das Cruzes; e-mail: thaislima@umc.com.br².

Professora da Universidade Mogi das Cruzes; e-mail: cassia@umc.br³.

Áreas de conhecimento: Saúde Coletiva

Palavras chave: DST; Transmissão; Alunos

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério da Saúde, as DST's estão entre os principais agravos que acometem a população jovem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007). Estas doenças são causadas por vários tipos de agentes microbiológicos tais como vírus, bactérias e fungos e são transmitidas, principalmente, por relação sexual sem proteção. Deste modo, estas doenças podem ser disseminadas através de contato sexual ou menos frequente por vias não sexuais (MARTINS *et al.*, 2006). Podem causar distúrbios psicossociais e econômicos, pois estatisticamente acomete jovens em idade reprodutiva e economicamente produtiva, além de trazer consequências graves tais como infertilidade, gravidez ectópica, partos prematuros e recém-nascidos com baixo peso, até mesmo levar a morte caso não seja tratada a tempo (MARTINS *et al.*, 2006). Conforme descrito por FRANCO e cols (2001), as pesquisas realizadas em vários países identificaram que os jovens estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, e que o desaparecimento dos valores tradicionais, a situação econômica e o mundo consumista favoreceram as atividades sexuais pré matrimônios e com múltiplos parceiros. Adicionalmente, em um estudo realizado com estudantes universitários da área da saúde, cujo foco era medir o conhecimento das medidas preventivas relacionadas à AIDS e outras doenças de sexual transmissão, concluiu-se que embora os itens referidos pelos mesmos como medida de prevenção sejam realmente importantes, o conhecimento destes universitários ainda era muito limitado (GIR *et al.*, 1999). Deve-se ressaltar que os profissionais da saúde têm papel importante na informação a população sobre diversas doenças e inclusive as DSTs, informando os tipos, prevenção e riscos e ainda estimular a procura de um serviço de saúde caso apresente algum dos sintomas característicos. A informação e prevenção são melhores métodos para se evitar o surgimento de novos casos (GIR *et al.*, 1999).

OBJETIVOS

Analisar o conhecimento de jovens universitários ingressantes dos cursos de saúde em uma Instituição de Ensino Superior sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST).

METODOLOGIA

O presente estudo teve uma abordagem quantitativa do tipo descritiva, visando analisar fatos e fenômenos da temática referida. Com público alvo composto por alunos regularmente matriculados nos 1º e 2º semestres de cursos de graduação da área da Saúde de uma Universidade privada da região Oeste de São Paulo. Os dados foram coletados através de um instrumento de coleta de dados constituído por questões

peçoais e comportamentais, com intuito de obter informações sobre o conhecimento prévio dos alunos a respeito das doenças sexualmente transmissíveis. Aos participantes da pesquisa foi apresentado o termo de consentimento livre esclarecido bem como as garantias de sigilo e anonimato das respostas.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Foram aplicados 95 questionários para alunos de primeiro e segundo semestre letivo, divididos entre os cursos de Farmácia, Biomedicina e Biologia, nos períodos matutino e noturno. A população foi composta de 80 alunos do sexo feminino (84%) 12 do sexo masculino(16%), com idades entre 19 e 28 anos. Isso se deve ao fato que a maior procura pelos cursos da área da saúde são por pessoas do sexo feminino, visto que este fenômeno já foi observado em outros estudos (BARBOSA *et al*,2006). Do total, 81% das mulheres e 16% dos homens informaram ter conhecimento das DSTs, porém quando questionados sobre os sintomas 42% revelaram desconhecimento quanto aos sinais e sintomas, sendo que entre estes a maioria dos respondentes era do sexo feminino. Adicionalmente, 33% das mulheres admitiram ter algum tipo de secreção ou corrimento que pudesse estar associado a pratica sexual. A vulnerabilidade feminina às DST's associada à falta de conhecimento sobre o assunto vem sendo analisada em outros estudos e pode estar relacionada principalmente a valores culturais, sociais e morais que ainda são emergentes em nossa sociedade atual (SILVA *et al*,2009).

Tabela1: Distribuição das respostas Questão 6 (Você conhece os sintomas das DSTs?).

Sexo	Sim f	Sim %	Não f	Não %	Sem resp. f	Sem resp. %	Total f	Total %
Fem.	37	39	39	41	4	4	80	84
Masc.	14	15	1	1	0	0	15	16
Total.	51	54	40	42	4	4	95	100

Analisando o comportamento sexual dos universitários, 32,5% das mulheres e 8,5% dos homens informaram que não possuem parceiro fixo ou não possuem nenhum parceiro. Sobre o uso de camisinha nas relações sexuais 6,5% dos homens e 22% das mulheres revelaram não fazer uso de preservativo, e na questão 22, (Já teve relação sexual sem uso de camisinha?) 67.5% da população respondeu afirmativamente. Quando questionados se futuramente poderiam vir a ter alguma DST pela ausência do uso de preservativo, 32,5% informaram que sim e 35% informaram não saber.

Com isto podemos identificar que ao ponto de vista dos mesmos existe comportamento que poderá levá-los a ter alguma doença de sexual transmissão no futuro. A população em geral ainda apresenta restrições quanto ao uso de preservativo, pois o relacionam à infidelidade ou desconfiança, embora os indivíduos que possuem parceiros fixos não veem a necessidade do uso, considerando-se que já que confiam em seus parceiros ou não querem dar a entender que podem estar sendo infiéis ao seu cônjuge (MADUREIRA *et al*, 2008). Este fato demonstra que embora os universitários reconheçam um comportamento que podem levá-los a ser alvo das DSTs, mas que por uma interpretação errada de valores morais deixam de se prevenir contra estas doenças.

CONCLUSÃO

Através dos dados obtidos no presente estudo pode-se concluir que pelo fato das DST's atingirem em sua grande maioria, a população jovem, há a necessidade de estudos que

relacionem o nível de conhecimento e a criação de programas de capacitação e extensão desde o início da formação destes profissionais que estão diretamente envolvidos na conscientização da população de modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, R.G.; et al. Conhecimento sobre DST/AIDS, Hepatite e conduta sexual de universitários de São Jose do Rio Preto, SP. DST – J bras. Doenças Sex. Transm.18(4): 224-230, 2006.

FRANÇOSO, L. A., GEJER, D., REATO, L. F. N. Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência. São Paulo: Atheneu, 2001.

GIR, E. et al. Medidas preventivas contra a AIDS e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. rev. Latino-am Enfermagem, [S.L.], v. 7, (1,) p. 11-17, 1999.

MADUREIRA, V.S.F.; TRENTINI, M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/aids. Ciência & Saúde Coletiva, 13(6): 1807-1816, 2008.

MARTINS, L. B. M.; et al. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, v.22, (2), p.315-323,. 2006

MINISTERIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 56p, 2007.

SILVA, C.M.; VARGENS, O.M.C. A percepção de mulheres quanto vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. Ver. Esc. Enferm. USP, 43(2): 401-6, 2009.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBIC e a Universidade Mogi das Cruzes Campus Villa Lobos.